

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA

Literatura na Educação: O que o livro didático oferece.

Thaynara Aparecida de Araujo Costa

Monografia apresentada ao curso de Letras
Português e sua Respectiva Literatura da
Universidade de Brasília (UnB) como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Cíntia Carla
Moreira Schwantes.

BRASÍLIA

2/2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA

Literatura na Educação: O que o livro didático oferece.

BRASÍLIA

2/2019

AGRADECIMENTOS

Ao final deste trabalho, e dessa jornada que foi o curso de letras, devo agradecimentos a muitas pessoas.

Primeiro agradecer a Deus e a todos os santos que me acompanham e me auxiliam no dia-a-dia, sei que nunca ando só e sempre estou bem protegida.

Agradeço à toda minha família, por acreditarem no meu potencial e por sempre estarem ao meu lado seja em qualquer momento, especialmente à minha mãe por ter se dedicado tanto a mim, à minha irmã a maior incentivadora dos meus projetos, à minha avó e ao meu avô que ajudaram a me criar e educar, às minhas tias por me doarem tanto amor e carinho, com certeza não somos uma família perfeita mas somos ótimos juntos.

Agradeço a minha professora orientadora, Dra. Cíntia Moreira Schwantes, por aceitar me orientar, demonstrar tanta compreensão, e ser sempre tão amável, o mundo precisa de mais Cíntias. Agradeço a professora também pois foi após uma aula de verão dela que tive uma inspiração tão forte que saí da sala e fiz a minha primeira tatuagem, *In media res*.

Aos meus colegas de classe que me ajudaram durante o curso de letras, às pessoas que de alguma forma passaram por mim e deixaram um pouco de si como levaram um pouco de mim consigo.

Aos meus amigos, aos que conheço a tanto tempo que já nos temos por irmãos, aos novos amigos que parecem já ser da minha família de tão próximos, às nossas diversas bagunças juntos, às nossas conversas sem nexos, aos nossos desabafos, obrigada por me entenderem sem muito esforço e respeitarem que eu sou.

Aos meus professores que me instigaram essa vontade de ensinar, àqueles que me lançavam desafios que me deixaram noites sem dormir, àqueles que acreditavam em mim, me proporcionaram nova visão de mundo e me fizeram querer ir além.

À literatura e à todos os meus professores de literatura por todos os momentos de reflexão e de frenesí vividos juntos.

Às mudanças que ocorreram e que ainda vão ocorrer em minha vida, sei que eu precisava e ainda preciso de muitas, para ser uma pessoa melhor.

E a mim mesma por cada escolha que fiz que me fez chegar até aqui.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é compreender o papel e a importância da literatura no livro didático, trazendo referências históricas tanto da literatura, quanto da área da didática, para também analisar os textos literários presentes nele, quanto aos gêneros, autores, quantidade, oferecidos. Busca-se dar a devida importância aos textos que são trabalhados em sala de aula, oferecidos pelo material didático, explorando as possibilidades de se trabalhar com eles.

Palavras-chave: Livro didático. Literatura. Sala de aula.

ABSTRACT

The objective of the present work is to understand the role and importance of literature in the textbook, bringing historical references from both literature and educational areas, to also analyze the literary texts present in it, as well as the genres, authors, quantity, offered. It seeks to give due importance to the literary texts that are worked in the classroom offered by the didactic material, exploring the possibilities of working with them.

Keywords: Textbook. Literature. Classroom.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
Capítulo 1: Leitura e Livro Didático.....	11
As escolas.....	18
Capítulo 2: Análise dos livros selecionados.....	21
Conclusão.....	26
Bibliografia.....	28
Apêndice.....	31

Introdução

As relações entre Literatura e Educação sempre foram muito estreitas. Com base em Antonio Candido, dentre outros autores que também serão citados, poderemos afirmar a importância deste estreitamento, culturalmente e socialmente falando. Ainda, interessa investigar como andam as relações atuais entre a educação e a literatura, especificamente com foco no livro didático.

A metodologia do presente estudo consistirá na leitura do *corpus*, que será determinado a partir do critério de adoção em escolas públicas do DF. Para tanto foram visitadas duas escolas, uma delas localizada em Taguatinga e outra na Asa Sul, o que irá conferir diversidade demográfica ao estudo. O PPP das escolas trouxe subsídios ao presente estudo. Ao longo do trabalho, foi feito um levantamento de bibliografia teórica sobre o tema. Os dados sobre autores, obras e temáticas encontradas teve, igualmente, tratamento estatístico.

Para falarmos da Literatura Brasileira, e de sua presença no cotidiano escolar, torna-se necessário entendermos a sua importância, que remonta ao início histórico no país, e a sua estreita vinculação com a educação.

As literaturas de países colonizados são diferentes das literaturas de países colonizadores, já que nos segundos, língua, sociedade e literatura seguiram um processo contínuo, moldando-se mutuamente e alcançando juntas a maturidade.¹ Para os países do ocidente que sofreram colonização, restou “receber” a literatura e a língua já desenvolvidas. “O que aconteceu foi uma transposição das leis, costumes, fé, das metrópoles (...) a literatura veio pronta de fora para transformar-se à medida que se formava uma sociedade nova”²

À medida que essa literatura ia se transformando, foi-se formando a divergência, o inconformismo, a contestação, a mudança paulatina da forma de se expressar. A formação de literatura com base nessa versão transfigurada da metrópole tomou dois caminhos diferentes: o primeiro viés acreditava que uma nova realidade precisava de novos temas que divergissem da literatura imposta; o segundo caminho seria usar as mesmas formas, mas de maneira diferente, adaptando os gêneros à conveniência de expressão dos sentimentos da própria realidade, que seria esta do “Novo Mundo”, o país recém “descoberto”.

¹CANDIDO, Antonio, *Iniciação à literatura Brasileira*, 3. ed, São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, 1999, pág. 11

²CANDIDO, Antonio, *Iniciação à literatura Brasileira*, 3. ed, São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, 1999, pág. 12

Esses movimentos e sentimentos surgidos por essa formação de uma literatura – colonizada – se resumiam em exprimir sentimentos novos sem abandonar a inspiração vinda de nossa origem, por mais que imposta.

O primeiro movimento, que não foi propriamente um movimento da literatura, começou já quando os portugueses chegaram ao Brasil e quiseram descrever e compreender essa nova terra, tendo em vista a dominação e a exploração. Acompanhando essa vontade que compunha esse novo momento da literatura, havia também a questão da doutrinação religiosa e imposição de ideologias advindas da metrópole. Os jesuítas tiveram bastante participação nessa literatura, em especial José de Anchieta, com escritos em sua grande maioria religiosos, com intenções catequéticas. A literatura modernista irá revisitar esses textos vetustos com certa frequência, já que eles formaram o repertório das leituras desses autores.

Assim, uma das primeiras funções da literatura no Brasil ficou como a forma de imposição linguística e o engrandecimento da língua portuguesa como língua senhorial à qual todos deveriam se submeter.

Isso sem contar as primeiras cartas enviadas para o reino em Portugal, a literatura de informação, com o intuito de informar o que os navegantes tinham encontrado nessas terras desconhecidas. A literatura, então, tem estado presente em todos os momentos, até mesmo em nossa formação, e daí a importância de se estudá-la, pois “a pré história das nossas letras interessa como reflexo da visão do mundo e da linguagem que nos legaram os primeiros observadores do país” (BOSI, 1970, p.13).

O ensino e a literatura começam a se entrelaçar a partir deste momento histórico, quando os jesuítas vieram para “catequizar” os povos que aqui habitavam, com o objetivo de exploração. A educação, pela qual eram responsáveis os jesuítas à época, inicialmente era destinada apenas aos filhos dos colonos, pela falta de recursos e por não haver interesse em instruir o índio, que era apenas catequizado para fins exploratórios.³

Também havia aqui outras congregações religiosas que instruíam, porém sem tanta influência como os jesuítas. O Norte e o Nordeste foram os pioneiros na elaboração de textos para o ensino, criando os primeiros Diretórios, que tornavam obrigatório o ensino da língua portuguesa e proibiam o da língua indígena. Estas decisões tinham cunho puramente político,

³FÁVERO, Leonor Lopes, *História da disciplina Português na escola Brasileira*, Revista Diadorim, v. 6, 2009 p. 15. Disponível em <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3886/15776>> acesso em outubro de 2019

com fins em garantir as terras brasileiras à coroa portuguesa, constantemente ameaçada por invasões de outros países.

As reformas pombalinas trouxeram inovação à educação. Além de expulsarem os Jesuítas do monopólio da educação, trouxeram consigo aulas de latim, grego, retórica e o português, o qual era focado na parte gramatical.

O problema maior era que os Jesuítas ofereciam ensino gratuito e o governo, por sua vez, quando assumiu essa responsabilidade, não garantiu a gratuidade, e não garantiu também o acesso aos livros, sendo estes muito escassos. A preocupação do governo era a formação da elite, havendo pouco suporte ao ensino básico, com foco apenas no ensino superior e secundário.

Já no Brasil Império, passada a comoção política da independência, houve avanços na educação. Em 1834 deu-se início aos liceus provinciais, aulas avulsas reunidas num mesmo prédio, nos quais se utilizava o método francês. O currículo foi dividido em séries, com estudos voltados para o latim e grego e um pouco da gramática nacional, tendo em vista que o foco era a elite, e a eles não interessava o aprofundamento em língua portuguesa. Apenas em 1856 foi aprovado o ensino da gramática do português e em 1857 foi incluída a Literatura num programa de nome: Gramática – Leitura – Recitação e exercícios ortográficos.

Ao entrarmos na época da república, muitas mudanças ocorreram, entre elas o crescimento da classe média urbana e o início, ainda que incipiente, da industrialização. A instrução passa a desempenhar papel importante; em consequência, surgiram muitas escolas públicas, particulares, confessionais; o saber, de fato, começou a ser valorizado nessa nova fase do país. Os educadores foram tomados pelo entusiasmo e pela crença na possibilidade da erradicação do analfabetismo. Na esteira do patriotismo, veio a valorização da língua nacional e o combate às influências estrangeiras, como forma de valorização do que é “nosso” e o desejo de “tomar conhecimento a respeito da economia e da política brasileira. (...) o amor à pátria, ao próximo e dever cívico e humanitário, esclarecendo que nenhum lugar seria melhor para incutir esses ideais do que a escola”⁴

⁴ FÁVERO, Leonor Lopes, *História da disciplina Português na escola Brasileira*, Revista Diadorim, v. 6, 2009 p. 13-36. Disponível em <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3886/15776>> acesso em outubro de 2019, p.25-26

À época, os livros didáticos eram escolhidos pelos professores, e a maioria dava preferência para as próprias produções literárias. Após reformas, em especial da carga horária do ensino do português e o crescimento da carga horária de Literatura, a mudança do nome para Literatura Brasileira, o ensino do português foi se consolidando, em especial pela expansão da leitura, da redação e da gramática⁵.

A metodologia do presente estudo consistirá na leitura do *corpus*, que será determinado a partir do critério de adoção em escolas públicas do DF. Para tanto foram visitadas duas escolas, uma delas localizada em Taguatinga e outra na Asa Sul, o que irá conferir diversidade demográfica ao estudo. O PPP das escolas trouxe subsídios ao presente estudo. Ao longo do trabalho, foi feito um levantamento de bibliografia teórica sobre o tema. Os dados sobre autores, obras e temáticas encontradas teve, igualmente, tratamento estatístico.

Essa monografia será dividida em dois capítulos, o primeiro destinado a expor os conceitos necessários e os fundamentos históricos envolvidos com o ensino de literatura no Brasil, e o segundo dedicado à análise dos dois livros didáticos estudados, em suas interpelações com a escola na qual cada um é adotado.

⁵ FÁVERO, Leonor Lopes, *História da disciplina Português na escola Brasileira*, Revista Diadorim, v. 6, 2009 p. 13-36. Disponível em <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3886/15776>> acesso em outubro de 2019, p.29

Capítulo 1: Leitura e Livro Didático

As experiências de leitura no contexto escolar são extremamente limitadas, em especial no ensino fundamental. Na escola trabalha-se com diferentes realidades sociais; sabe-se que alguns alunos têm contato com mais livros em casa, mas sabe-se também que muitos deles só estabelecem contato com a leitura em sala de aula e no livro didático.

Como ilustração, podemos citar um relato de um professor em João Pessoa, que afirma que sua primeira experiência com leitura foi na escola, e com o material didático oferecido pela rede pública de ensino, uma vez que sua realidade social era de dificuldade financeira.⁶

Assim, práticas de leitura sempre são ações históricas e culturais, pois a literatura conta a história da nossa história; sobre ler:

“Ler é estabelecer relações; trata-se de tentativas de retomar os sentidos pretendidos pelo autor em meio à configuração textual. Nessa perspectiva, a leitura não está nem no texto, nem fora dele. Trata-se de um espaço de interlocução entre aquele que escreve e aquele que lê, mediado pela estrutura textual.”⁷

Ler é uma tarefa em conjunto, entre o professor e o aluno, sendo o livro didático o material dos envolvidos e o professor o mediador. Lê-se na escola para que os interlocutores possam ocupar lugar como sujeitos na sociedade, para que se faça uma reflexão sobre a realidade, interpretações, entre outros.

Ressalta-se que há diferença entre a leitura na escola e a leitura no cotidiano, tendo em vista que os gêneros oferecidos fora da escola são diversos e são consumidos de forma muito mais rápida, o que pode dificultar a sua prática em sala de aula, tendo em vista que podem estabelecer um hábito de leitura que não exige a atenção demandada pela leitura no âmbito escolar, a qual envolve questionamentos, fugindo do comum para os alunos.

⁶ SILVA, M. C. da; MARTINS, M.R. *Experiências de leitura no contexto escolar*, Literatura: ensino fundamental / Coordenação, Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson . – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20)p.26

⁷ SILVA, M. C. da; MARTINS, M.R. *Experiências de leitura no contexto escolar*, Literatura: ensino fundamental/Coordenação, Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. il. (Coleção Explorando o Ensino ; v. 20)p.28

A literatura, que conta nossa história, é “(...) também um produto social, exprimindo as condições de cada civilização em que ocorre”⁸ ou seja, de grande importância para ser conteúdo abordado em sala de aula, mais especificamente no livro didático.

O nosso debate será cerceado pela importância deste, seus conteúdos literários, e a importância da literatura em si para o aluno, ainda com o acréscimo da análise de quais são os textos que estão sendo trabalhados com esses alunos das escolas selecionadas.

Livro Didático

O livro didático expõe a história da educação, ele demonstra as circunstâncias que o ensino de determinado país atravessou e pode ser também “(...) focado como amostra dos interesses políticos e ideológicos de uma nação”⁹

Após a chegada do renascimento aumentou o uso de textos impressos e a preocupação com os leitores, após a invenção da prensa de tipos móveis por Johannes Gutenberg¹⁰, o que deu a possibilidade de divulgação de obras escritas fora da igreja, que até então tinha o monopólio da escrita e a transmissão do conhecimento. A educação era para poucos, destinava-se apenas para a elite e o clero, com o único fim de ascender na sociedade, administrar e subordinar os demais, e para ler as escrituras sagradas e transmiti-las aos que não sabiam ler. Era claro que a igreja garantia que poucos tivessem acesso ao saber para que continuasse a governar.

Neste período surgiu o primeiro manual escolar de que se teve conhecimento, “o ABC do Hus”, escrito por Jan Hus, reformador religioso, posteriormente precursor da reforma protestante. Era uma obra voltada para a alfabetização do povo, recheada com frases religiosas.

Em 1525, na Alemanha, foi criada a cartilha chamada “Bokeschen vor leven Wittenberg”, que tinha o alfabeto, os Dez mandamentos, orações e algarismos. Em 1527, em uma cartilha quase igual, são implementadas as primeiras gravuras. Já na época do

⁸ CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura Brasileira: resumo para principiantes*. 3 ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999, p.29

⁹ BAIRRO, Catiane Colaço, *Livro Didático: Um olhar nas entrelinhas da sua História*, UNICENTRO, Pedagogia, 2017, p.1 disponível em < <https://wp.ufpel.edu.br/leh/files/2017/12/BAIRRO.pdf> > acesso em outubro de 2019

¹⁰ Inventor e gráfico alemão, o primeiro a usar a prensa e os tipos móveis de metal, revolucionando a técnica de impressão. Disponível em < https://www.ebiografia.com/johannes_gutenberg/ > acesso em novembro de 2019

liberalismo, em 1658, Comenius¹¹ compõe a obra “O mundo sensível em gravuras” com lições adjuntas a ilustrações, uma vez que ele acreditava na educação estimulada pelos sentidos. Em 1702, São João Batista de La Salles¹² escreveu *Conduitas das escolas cristãs*, cartilha esta que se divide em lições. Primeiro era a tábua do alfabeto, depois das sílabas e depois soletração, leitura de sílabas e até a leitura pausada. Todas as cartilhas até o século XVII eram voltadas para o ensino cristão.

Após a revolução Francesa, José Hamel¹³ escreve o “Ensino Mútuo”, método que foi utilizado no Brasil durante o Império. Ele vinha com o intuito de fazer os alunos que sabiam mais compartilhar com os alunos que estavam começando a se alfabetizar. Já na Revolução Industrial, Robert Owen¹⁴ implanta um jardim de infância para atender aos filhos dos operários das fábricas de tecido.

A primeira Cartilha de que se tem notícia em Língua Portuguesa é “A Cartilha” de João de Barros, de 1540, este que foi educador durante as navegações portuguesas. “Essa cartilha trazia o alfabeto em letras góticas (imprensa da época), letras ilustradas com desenhos, os Mandamentos de Deus e da Igreja e ainda algumas orações. Essa obra não tinha intencionalidade de ser usada na escola, pois possuía um método voltado para a decifração da escrita e não para o escrever corretamente.”¹⁵

Utilizava-se muito as Cartilhas do ABC, que eram materiais de fácil acesso, com conteúdos superficiais, baratos e de baixa qualidade, destinadas às pessoas que abandonavam a escola e lhes davam uma falsa sensação de aprendizagem.

¹¹ Bispo protestante da igreja Morávia, educador, cientista e escritor, considerado fundador da didática moderna. Disponível em < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Comenius> > acesso em novembro de 2019.

¹² Sacerdote, pedagogo e pedagogista francês inovador que destinou sua vida a formar professores destinados a formação de crianças pobres. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Batista_de_La_Salle> acesso em novembro de 2019.

¹³ Joseph Christian Hamel, alemão nascido médico, naturalista, técnico no serviço russo, lidava também como ciências naturais, história cultural e política de educação e treinamento. Disponível em <https://de.wikipedia.org/wiki/Joseph_Christian_Hamel#Kindheit,_Schule,_Lehrzeit> acesso em novembro de 2019

¹⁴ Reformista social galês, um dos fundadores do socialismo e do cooperativismo, socialista utópico disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Owen> acesso em novembro de 2019.

¹⁵ BAIRRO, Catiane Colaço, *Livro Didático: Um olhar nas entrelinhas da sua História*, UNICENTRO, Pedagogia, 2017, p.5 disponível em < <https://wp.ufpel.edu.br/leh/files/2017/12/BAIRRO.pdf> > acesso em outubro de 2019.

Em 1850, Feliciano de Castilho¹⁶ escreve o livro “Método portuguez para o ensino do ler e escrever” com alfabetos picturais ou icônicos, e textos narrativos. Em 1853 esta mesma obra aparece com o título de “Método Castilho para o ensino rápido e aprazível do ler impresso, manuscrito, numeração e do escrever: obra tão própria para escola como para o uso das famílias” Ainda em Portugal, muitos métodos de ensino não funcionaram, até João de Deus¹⁷ escrever em 1875 a “Cartilha Maternal”, e após a publicação deste muitas escolas autônomas surgiram.

A “Cartilha Maternal” ganhou Portugal e as Colônias portuguesas, e essas incluíam o Brasil. Foi o primeiro manual de alfabetização dos brasileiros, sendo que este não era o mesmo utilizado em Portugal. Tratava-se de uma versão simplificada e mesmo assim o seu preço ao chegar na Colônia era espantoso.

As cartilhas utilizadas eram todas importadas, pois até a vinda da Família Real era proibida a publicação de livros nacionais. Como o valor era elevado, alguns professores optavam por elaborar seus próprios livros. “No Rio de Janeiro, em 1859, o brasileiro Francisco Alvez da Silva Castilho¹⁸, escreve e dedica aos professores, o “Manual explicativo do método de leitura”. O escritor alfabetizou crianças pobres, adaptando depois a técnica à adultos. Seu método era sintético, partindo inicialmente do alfabeto. Iniciava com leitura coletiva, depois individual, seguindo para exercícios escritos.”¹⁹

Hilário Ribeiro²⁰, em 1880, criou a Cartilha Nacional, e Thomaz Galhardo²¹, a “Cartilha da Infância”, utilizada até 1980, mas não exclusivamente. Em 1892 foi publicado o

¹⁶ Escritor romântico português, polemista e pedagogo, inventor do Método Castilho de leitura que é um método de ensino infantil da leitura baseado na utilização de uma cartilha. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9todo_Portugu%C3%AAs_de_Castilho> acesso em novembro de 2019.

¹⁷ João de Deus de Nogueira Ramos, foi um importante poeta lírico e pedagogo, considerado à época o primeiro do seu tempo, e o proponente de um método de ensino da leitura presente numa Cartilha Maternal por ele escrita. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_de_Deus_de_Nogueira_Ramos> acesso em novembro de 2019.

¹⁸ Professor público entre os anos de 1849 e 1887, Autor de muitos livros, e de uma vasta produção intelectual e didática, contribuiu para a construção da cultura do livro escolar no século XIX. Disponível em <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/401.pdf>> acesso em novembro de 2019

¹⁹ BAIRRO, Catiane Colaço, *Livro Didático: Um olhar nas entrelinhas da sua História*, UNICENTRO, Pedagogia, 2017, p.8 disponível em < <https://wp.ufpel.edu.br/leh/files/2017/12/BAIRRO.pdf> > acesso em outubro de 2019.

²⁰ Educador e escritor brasileiro, autor de cartilhas e livros didáticos. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hil%C3%A1rio_Ribeiro> acesso em novembro de 2019

²¹ Professor responsável pela publicação de diversos livros didáticos. Disponível em <<http://acervohistoricodolivroescolar.blogspot.com/2014/08/thomaz-galhardo.html>> acesso em novembro de 2019.

“Primeiro Livro de Leitura”, de Felisberto de Carvalho²², que defendia a silabação. Em 1907 foi publicada a “Cartilha Analítica” de Arnaldo Barreto²³, que estava dividida em decifração e compreensão. Essa cartilha em particular foi utilizada em muitos estados brasileiros.

Em 1940 é publicada a Cartilha Sodré de Stahl Sodré; para concorrer com esta vem a “Caminho Suave” de Branca Alves de Lima. Nessa época havia disputa entre as publicações e suas utilizações. As cartilhas até 1950 eram voltadas à leitura, ao padrão social, à norma do bem escrever. As cartilhas e professores nesta época eram considerados perfeitos, e o aluno era considerado o único responsável pelo ensino falho.

Em 1937 cria-se um órgão específico para formular políticas do livro Didático, o INL. ‘Em 1985, um decreto possibilitou aos professores que escolhessem os livros que fossem trabalhar. “Atualmente, teóricos como Goulart (2006, p. 95), contemplam a ideia de que, se as cartilhas e os livros didáticos forem convidados para a sala de aula, que seja como material auxiliar da turma’. Os professores podem se utilizar de outros meios para que haja a alfabetização e letramento do aluno. Existem inúmeros recursos disponíveis.”²⁴

Apesar de tardio, o Brasil é o maior produtor editorial da América Latina, e é responsável por mais de metade dos livros editados no continente. Apenas na Região Sul, existem 530 editoras e 114 editoras universitárias, e apesar disso o país apresenta um baixo índice de leitura, consequência das condições socioeconômicas populacionais:

“Pesquisas apontam que a relação entre a condição social tornou possível perceber que, quanto menor o tempo de escolaridade e a condição social, maior é o analfabetismo. A condição socioeconômica é um fator responsável não só pela permanência do aluno na escola, mas também pelo seu desempenho para alcançar satisfatoriamente o letramento.”²⁵

E por mais que esteja garantida na Constituição Federal, em seu título I “(...) uma sociedade livre, justa, solidária com a redução das desigualdades sociais e a erradicação da

²² Professor responsável por escrever vários livros didáticos que contribuíram por anos para a educação brasileira. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Felisberto_Rodrigues_Pereira_de_Carvalho> acesso em novembro de 2019.

²³ Escritor e professor com produções literárias significativas para a educação do país. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/3nj6y/pdf/mortatti-9788568334362-07.pdf>> acesso em novembro de 2019

²⁴ BAIRRO, Catiane Colaço, *Livro Didático: Um olhar nas entrelinhas da sua História*, UNICENTRO, Pedagogia, 2017, p.15 disponível em < <https://wp.ufpel.edu.br/leh/files/2017/12/BAIRRO.pdf> > acesso em outubro de 2019

²⁵ MOTA GARCIA ROSA, F. G.; ODDONE, N., *Políticas Públicas para o livro, leitura e biblioteca*, Ci. Inf., Brasília, v. 35, n. 3, set./dez. 2006, p.184

pobreza” e no capítulo II “(...) assegure ao cidadão direitos sociais como educação, trabalho, lazer, saúde, segurança, moradia”, o índice de Desenvolvimento Humano do Brasil²⁶ difere das expectativas e da teoria. Na 75ª posição, no ranking do IDH Global, com 0,755 pontos, o Brasil ainda precisa melhorar muito para chegar a uma paridade social equivalente à garantida na Constituição.

Quanto à leitura, o simples acesso a ela não é suficiente; faz-se necessário um estímulo. Fatores que influem na sua prática são: nascer em família de leitores; passar a juventude em um sistema escolar preocupado com a leitura; preços do livro e seu valor simbólico. O que se expressa nessas condições é que não se tem boa parte da sociedade preparada para desenvolver essa prática leitora e a escola seria o local mais adequado para que esta se desenvolva.

Por estarmos em uma sociedade da informação, é difícil incentivar tal prática; apesar de desde o século XIX existirem políticas de incentivo para o livro, as políticas públicas são importantes pois,

“Uma política pública reflete a vontade de diferentes setores da sociedade em avançar para uma determinada direção e representa uma articulação coerente de medidas para transformar uma situação. Sua eficácia se mede por sua sustentabilidade e sua coerência interna, que faz com que nos distintos setores envolvidos tenham repercussão positiva. Uma política pública permite garantir que os problemas não serão crônicos e idênticos aos que sempre existiram (GOLDIN, 2003, p.163).”²⁷

Em 1930, tiveram início as políticas públicas voltadas para a leitura, quando se instituiu o Instituto Nacional do Livro (INL)²⁸. Em 1980, após o período ditatorial, foi implementada a Lei 7.505 de 20 de junho de 1986, Lei Sarney, substituída posteriormente pela Lei 8.313 - Lei Rouanet, elaborada pelo secretário da presidência, Sérgio Paulo Rouanet.

Outras políticas foram implantadas, como a política Nacional do Livro - Lei 10.753/2003, voltada para questões acerca do livro didático. Por meio dela o poder executivo

²⁶ Ranking IDH Global disponível em <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idh-global.html> acesso em outubro de 2019

²⁷ MOTA GARCIA ROSA, F. G.; ODDONE, N., *Políticas Públicas para o livro, leitura e biblioteca*, Ci. Inf., Brasília, v. 35, n. 3, set./dez. 2006, p.185

²⁸ Política pública incorporada no país em 1937, iniciada pelo ministro da educação Gustavo Capanema, tinha a competência de organizar e publicar a Enciclopédia Brasileira e o Dicionário da Língua Nacional, editar obras para a cultura nacional, criar bibliotecas públicas e estimular o mercado editorial mediante promoção de medidas para aumentar, melhorar e baratear a edição de livros no país.

pode executar projetos de acesso ao livro e incentivo à leitura. Também foram políticas úteis os programas governamentais como Pró-Leitura, PROLER (Programa Nacional de Incentivo À Leitura), Fome do Livro e Vivaleitura, e os voltados para a biblioteca escolar - Programa Nacional de Biblioteca Escolar (PNBE) e o Programa Nacional de Livro Didático (PNLD).

Em 21 de Dezembro de 2004, foi sancionada a lei de desoneração fiscal, que isenta “(...) a produção, comercialização e importação de livros do pagamento do PIS/ Cofins/Pasep, o que varia entre 3,655 a 9,25%.” Assim, os editores, livreiros, distribuidores, não mais pagarão qualquer tipo de taxa ou imposto sobre operações com livros, gozando de imunidade tributária, conforme a Constituição, Seção II - Das limitações do Poder de Tributar, Art 150, inciso VI, alínea d. Desta feita, o previsto seria a queda dos preços dos livros. Em contrapartida, os empresários ofereceram 1% do resultado das vendas dos livros para investimento do Fundo Pró-Leitura.

Os programas de distribuição de livros didáticos se iniciaram em 1938, com o Decreto-Lei 1006, que sob a coordenação do MEC, instituiu a Comissão Nacional do Livro Didático. Em 1966, foi criada a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), com o intuito de estabelecer condições para a produção, importação e utilização do livro didático.

Em 1971, foi passado para o Instituto Nacional do Livro (INL) o atributo do CNLD, por meio do Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (Plidef). Em 1976 foi criada a Fundação Nacional do Material Escolar (Fename), assumindo as competências do material escolar e a execução do programa do livro didático. Até se estabelecerem as siglas PNLD e PNLEM, várias outras denominações foram dadas.

Em 1985, quando o PNLD foi de fato implementado, as regras ficaram definidas dessa forma: a indicação dos livros feita pelos professores; extinção do livro descartável para permitir sua reutilização; aperfeiçoamento das especificações técnicas para a produção dos livros; ampliação da oferta para os alunos de todas as séries; participação dos professores no processo de escolha dos livros e o fim da participação financeira dos estados.²⁹

Os programas são mantidos com recursos advindos do Orçamento Geral da União e da arrecadação do Salário Educação. Para a aquisição dos livros, o processo de análise adotado a cada três anos é o lançamento de edital com critérios pré-estabelecidos, no intuito de que

²⁹ MOTA GARCIA ROSA, F. G.; ODDONE, N., *Políticas Públicas para o livro, leitura e biblioteca*, Ci. Inf., Brasília, v. 35, n. 3, set./dez. 2006, p.190

aqueles que possuem os direitos autorais possam inscrever suas obras. O processo de avaliação conta com a participação das universidades. No final do processo avaliativo, é criado o Guia dos Livros Didáticos, com resumo das obras, para que sejam escolhidos os livros a serem utilizados.

Na perspectiva histórico-social, o livro didático ganhou espaço nas escolas com a expansão da educação no Brasil. As classes populares começaram a frequentar um espaço antes exclusivo da elite e com isso veio a escassez de professores. Para suprir essa falta de professores, foram implantados cursos rápidos de formação. Essa solução revelou suas limitações através das falhas de formação dos professores, o que levou à desvalorização do profissional. Os novos professores e alunos, advindos das camadas mais populares, construíram então uma nova realidade escolar, com uma cultura diferente. Para então construir esse novo cenário educacional é que se insere o Livro Didático.

A presença do livro didático vai se firmando na sala de aula, tendo em vista também que a única leitura de professores muitas vezes se dá através dele. O discurso é reiterado pela Secretaria de Educação Fundamental (SEF), quando se torna visível que a fonte de transmissão exclusiva se dá por ele, devido a muitos fatores: a falta de acesso à outros materiais de estudo; a economia de tempo, por ser um roteiro pré-estabelecido com respostas prontas; muitas vezes também serve como ferramenta de atualização profissional. O que prejudica a leitura crítica da obra, que passa a funcionar como um guia.

As escolas

A primeira escola de onde foi retirado o livro didático para análise é o Centro de Ensino Fundamental 11 de Taguatinga, localizada na Praça do Bicalho, em Taguatinga Norte DF. Uma das observações é que essa escola encontra-se numa praça com um certo grau de periculosidade, o que é citado no próprio PPP da escola,

“O CEF 11 encontra dificuldades de aproximação e integração com a comunidade que o cerca. Em frente à entrada dos alunos, circunda uma praça que é constantemente utilizada por transeuntes, entretanto é frequentada também por pessoas desconhecidas e desprovidas de ocupação durante todo o dia. Nossos discentes, em sua maioria, por morarem em assentamentos e cidades satélites vizinhas, faz com que a longitude dificulte a aproximação com os vizinhos; desse modo, cria-se um distanciamento entre essas duas comunidades. Os alunos da escola são constantemente abordados por estranhos (usuários e traficantes de drogas,

aliciadores para prostituição, gangues, etc.), o que exige policiamento constante na área.”³⁰

O que torna a escola mais vigiada, porém com mais riscos aos alunos, professores e todos os que lá trabalham. E por mais que não seja uma escola localizada na região central, recebe alunos de várias RA's e entorno. As justificativas para a matrícula longe de suas regiões de moradia variam entre: alta criminalidade no local; falta de estrutura física; estruturas pedagógicas não satisfatórias; e por proximidade no trabalho dos responsáveis, fazendo com que participem mais do seu processo educacional e mesmo assim a participação dos pais na escola é rara.

A escola possui boa estrutura física, com alguns serviços especializados e de apoio, como a Oficina Pedagógica, o Serviço de Orientação Educacional, a Sala de recursos, entre outros; possui serviços especializados e de apoio e grande variedade de recursos pedagógicos. A meta que é apresentada pelo PPP é a busca de “soluções criativas para os problemas do cotidiano, respeitando a dignidade e os direitos de cada pessoa num trabalho de equipe”.

A segunda escola foi o Centro de Ensino Fundamental 405 Sul, localizada na Asa Sul, mais especificamente na L2 Sul. As instalações físicas são boas, possui serviços de orientação, assim como no C.E.F. 11, orientação educacional, equipe especializada de apoio à aprendizagem, entre outros.

O que se observa é que a maioria dos alunos é de outras RA's e entorno. As justificativas para a adesão à escola variam de fuga de áreas violentas, atrativo por ser uma boa escola, indicação de amigos, próxima ao local de trabalho do responsável.

O que chama atenção é que a distância, além de ser dificultosa para locomoção e para a participação dos pais, é que a maioria dos estudantes “(...) não se identifica com a região geográfica onde a escola encontra-se inserida, tão pouco os moradores da comunidade estabelecem vínculos com a instituição educacional”³¹. Sendo assim, a orientação da escola é que os alunos sejam sempre corteses e fraternos com a vizinhança, tentando manter uma harmonia entre escola e vizinhos.

³⁰ Projeto Político Pedagógico do Centro de Ensino Fundamental 11 de Taguatinga, p.8 disponível em <[www.se.df.gov.br > uploads > 2018/07> pppcef11cretaguatinga](http://www.se.df.gov.br/uploads/2018/07/pppcef11cretaguatinga)> acesso em setembro de 2019.

³¹ Projeto Político Pedagógico do Centro de Ensino Fundamental 405 Sul, p.40, disponível em <http://www.se.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/pp_cef_405_sul_plano_piloto-1.pdf> acesso em setembro de 2019

O C.E.F. 405 Sul possui como meta,

“(...) contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres, capazes de atuar como agentes de transformação na realidade onde está inserido garantindo uma base de conhecimento que proporcione ao estudante maior conscientização no desenvolvimento do processo educacional, condições de acesso ao mundo do trabalho e continuação em estudos posteriores, buscando melhores condições de vida para si e sua coletividade.”³²

É possível notar uma diferença mesmo nos PPP's das escolas, o que nos fez inferir, em um primeiro momento, que há diferença também em seus métodos de ensino-aprendizagem e seu material didático. Mais tarde foi constatado que de fato isso ocorre.

³² Projeto Político Pedagógico do Centro de Ensino Fundamental 405 Sul, p.54, disponível em <
http://www.se.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/07/pp_cef_405_sul_plano_piloto-1.pdf> acesso em
setembro de 2019

Capítulo 2: Análise dos livros selecionados

Os livros escolhidos para a análise foram os do 8º ano. Primeiramente por questões de facilidade, pois eram os mais disponíveis, e segundo por serem quase da etapa final do ensino fundamental, o que nos traz a visão do que os jovens de 13 a 14 anos estão, atualmente, estudando. Como sua formação está relativamente consolidada nessa altura de sua vida escolar, esse é um estágio interessante para os fins do presente estudo.

A primeira peculiaridade, apenas ao ver os livros, reside na escolha do livro adotado em cada escola, tendo em vista que uma se encontra em uma região periférica, distante do Plano Piloto e a outra está dentro do Plano Piloto. O C.E.F. 11 de Taguatinga adota os livros da editora Moderna, que buscam uma linguagem mais próxima do jovem, enquanto o C.E.F. 405 Sul adota um livro didático menos dinâmico, da editora Ática. É importante, também, entender que, ao contrário do que se imagina, a escola no Plano Piloto não atende somente alunos advindos da região central, mas sim do entorno e de outras regiões administrativas.

Analisaremos primeiramente o livro didático adotado no C.E.F. 11 (Taguatinga), intitulado *Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem*, de Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar, Shirley Goulart. Sua divisão se faz em três unidades: Caderno de leitura e produção: Unidade 1 - Comportamento: Você vai na “onda” ou tem opinião própria?; Unidade 2 - Diversidade Cultural; Unidade 3 - Corrupção: esse mal tem cura?; Caderno de práticas de literatura - Entre leitores e leituras: práticas de literatura; e Caderno de estudos de língua e linguagem: Unidade 1 - Língua e Linguagem; Unidade 2 - Língua e Gramática normativa; Unidade 3 - Ortografia e pontuação.

A homogeneidade da escola de Taguatinga, por atender alunos em situações econômicas menos distintas umas das outras, pode ser um dos quesitos para a adoção desse livro didático em específico. Além dos títulos das unidades serem diferentes, como um tipo de “atrativo” ao estudante, o livro ainda possui uma divisão em que contempla uma parte específica, destinada a práticas de literatura, como também para estudos de língua e linguagem. A linguagem visual desse livro também é mais dinâmica e atrativa.

No livro: *Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem*, contamos com: 2 causos; 8 crônicas; 4 cordéis; 1 esquete; 10 poemas; 8 contos; 1 trecho de um romance; 2 fábulas; 1 trecho de uma novela. Entre esses textos: 15 autores canônicos, 6 autores de

literatura popular e 8 autores de literatura de massa. Desses, apenas Drummond e Leminski tem posição de preeminência no cânone. Os outros autores adotados, embora canônicos, não seriam incluídos no Paideuma de Pound³³.

No segundo livro analisado o, *Projeto Teláris: português: ensino fundamental 2* de Ana Maria Trinconi Borgatto, Terezinha Costa Hashimoto Bertin, Vera Lúcia de Carvalho Marchezi, adotado no C. E. F. 405 Sul, a divisão do livro se dá em: Unidade 1 - Narrativas em foco: do mito à crônica; Unidade 2 - Expor e organizar o conhecimento; Unidade 3 - Persuadir...Convencer; Unidade 4 - Ler, cantar, representar.

Neste livro, contamos com: 15 poemas, 4 narrativas, 1 epopéia, 2 contos, 7 crônicas, 2 peças teatrais. Entre esses textos: 13 autores são canônicos, 7 são de literatura de massa e 4 são de literatura popular.

Após a análise dos textos literários encontrados, colocando-os em comparação, foi possível perceber a diferença entre os livros oferecidos, desde a linguagem, as imagens, os textos, a quantidade, enfim, todos os aspectos.

Mas, antes mesmo de adentrar nas diferenças de conteúdo, as primeiras diferenças são as visuais. Primeiramente, a qualidade física e visual de um livro didático também passa por uma avaliação do (IPT), Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo, e foi só depois da década de 60 que o livro didático se transformou no que ele visivelmente é hoje: o tamanho, os aspectos visuais da capa, as ilustrações voltadas ao público jovem, e até mesmo a própria linguagem³⁴. E mesmo que esse aspecto seja de muita importância, poucos ainda são os estudos sobre ele. Destacamos aqui um dos estudos encontrados:

“A organização interna dos livros e sua divisão em partes, capítulos, parágrafos, as diferenciações tipográficas (fonte, corpo de texto, grifos, tipo de papel, bordas, cores, etc.) e suas variações, a distribuição e a disposição espacial dos diversos elementos textuais ou icônicos no interior de uma página (ou de uma página dupla) ou de um livro só foram objeto, segundo uma perspectiva histórica, de bem poucos estudos, apesar dessas configurações serem bastante específicas do livro didático. Com efeito, a tipografia e a paginação fazem parte do discurso didático de

³³ “A organização do conhecimento para que o próximo homem ou geração possa achar, o mais rapidamente possível, a parte viva dele e gastar o mínimo tempo com itens obsoletos”. Disponível em <<https://www.poesis.org.br/new/publicacoes/ver.php?id=3>> acesso em novembro de 2019

³⁴ FREITAS, Neli K., RODRIGUES, Melissa H., *O livro didático ao longo do tempo: A forma do conteúdo*, DA Pesquisa, Florianópolis, v.3 n.5, p.305, 2008.

um livro usado em sala de aula tanto quanto o texto ou as ilustrações (CHOPPIN, 2004, p. 559).”³⁵

Visualmente, o que se pode perceber é que a editora Moderna apostou em um *design* mais arrojado e atual, na capa, nas ilustrações que acompanham o conteúdo do livro e até mesmo na linguagem, tentando acompanhar as modificações na linguagem das gerações atuais de jovens. Mas apesar de a editora Ática ainda estar muito presa aos padrões mais antigos, possui muitas imagens que podem ser relacionadas aos conteúdos e serem consideradas interessantes pelos alunos. Devemos igualmente considerar que

“Na sociedade atual, mergulhada na linguagem visual, criou-se uma indústria especializada em produzir imagens para bens de consumo e estratégias de venda. Somos levados a consumir por meio da imagem. Essa sociedade oferece, cada vez mais, uma variedade de formas e cores. A partir disso, pode-se pensar a necessidade de educar o olhar do leitor para se posicionar criticamente não só diante do texto escrito, como também diante das imagens.”³⁶

Em se tratando de conteúdo, pela análise dos textos literários, pode-se dizer que ambos os livros didáticos apostaram num formato menos complicado de literatura para aplicar aos jovens, pelo fato de adotarem muito mais contos, crônicas, poemas, cordéis, gêneros literários aos quais eles possuem mais acesso com facilidade, principalmente levando em conta a sociedade moderna em que estão inseridos esses alunos, cujos hábitos de leitura foram plasmados em uma sociedade da informação, como já citado.

As leituras em sala de aula são de extrema importância, sendo esta dividida em leitura ilustrada e leitura aplicada. A primeira sendo apenas para usufruir da literatura sem fins educativos, e esta segunda sendo a que está em foco nos anos finais do ensino fundamental, uma leitura para expandir e consolidar a competência da leitura e da escrita, dando apoio ao

³⁵ FREITAS, Neli K., RODRIGUES, Melissa H., *O livro didático ao longo do tempo: A forma do conteúdo*, DA Pesquisa, Florianópolis, v.3 n.5, p.306, 2008.

³⁶ VIEIRA, Adriana S., FERNANDES, Célia Regina D., *O acervo das bibliotecas escolares e suas possibilidades, Literatura : ensino fundamental* / Coordenação, Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson . – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p.123. : il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20)

desenvolvimento cognitivo do aluno, o que é possível perceber nas atividades que se desenvolvem baseadas nestes textos presentes no livro didático.³⁷

Em uma pesquisa voltada para o conhecimento de opiniões diversas, feita com pessoas de diferentes lugares, e de diferentes idades, foi possível constatar que “(...) o livro didático tem sido desvalorizado depois de seu uso imediato por cumprir uma função específica na vida dos indivíduos” devido ao fato de ser estritamente voltado para o contexto escolar e não conseguir se atrelar a outros meios³⁸. O que se pôde perceber também foi uma tentativa de se desprender desse padrão nos livros analisados, através do estratagema de inserir alguns autores populares, bem como alguns canônicos, mas com uma aproximação da realidade do aluno, sendo a maioria textos curtos e de fácil compreensão.

E apesar de existirem muitas facilidades nos textos, e uma tentativa de adaptação da realidade ou de uma aproximação da realidade do aluno, existem algumas barreiras que ainda precisam ser enfrentadas, como a falta de espaço para interpretações diversas, devido ao próprio livro didático, que é destinado ao professor, oferecer respostas prontas. O professor que se basear apenas nas respostas deste “manual” estará desconsiderando outras respostas possíveis e outras análises que poderiam ser úteis em sala de aula. Afinal,

“Esse material é sedutor por possuir a característica, por um lado, de propiciar praticidade ao trabalho pedagógico, embora, às vezes, seja uma praticidade acrítica, alienante e, por outro lado, de ser agradável e atrativo aos olhos de quem lê, uma vez que há uma preocupação crescente com o aspecto visual através de projetos gráficos cada vez mais atraentes.”³⁹

No entanto, é necessário dar espaço para o aluno, para que ele se identifique com o que é lido e ultrapasse as barreiras da sala de aula, levando o texto literário para sua vida. Para que isso aconteça, a prática docente não pode permanecer presa a uma resposta única.

³⁷ Semana de Letras (11. : 2011: Porto Alegre, RS), O cotidiano das letras : anais [recurso eletrônico] / 11. org. Jocelyne Bocchese ... [et al.], FALE/PUCRS ; coord. Vera Teixeira Aguiar. – Dados eletrônicos – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. COSSON, Rildo, Conferência de abertura, Literatura: *Modos de ler na escola*. p. 2 Disponível em < <http://editora.pucrs.br/anais/XISemanaDeLetras/pdf/rildocosson.pdf> > acesso em novembro de 2019

³⁸ FERNANDES, Antonia Terra de Calazans. **Livros didáticos em dimensões materiais e simbólicas.** *Educação e Pesquisa*: São Paulo, v.30, n.3, p. 537, set./dez. 2004

³⁹ OTA, I A da S., *O livro didático de língua portuguesa no Brasil*, Educar, Curitiba, n. 35, p. 216, 2009. Editora UFPR

Os textos nos livros didáticos tiveram mais espaço a partir da década de 70, e mesmo assim as pesquisas sobre os textos verbais e visuais mostram que “(...)a preocupação em mostrar uma grande quantidade de gêneros textuais torna-se mais uma necessidade de atender a um modismo que propriamente trabalhar a textualidade”⁴⁰. Esse fenômeno é intrigante, tendo em vista que o foco da inclusão de textos gêneros variados é claramente a quantidade, não a qualidade, fazendo as explicações serem rasas e sem significado. O professor é o mediador entre aluno e texto e cabe a ele ajudar os alunos, provocando aprendizagens, não simplesmente respondendo perguntas que já estão prontas.

Neste processo de leitura, é preciso, além da observação dos textos, observar o que os alunos acham, e o que eles esperam dos textos nos livros didáticos. Em uma pesquisa feita com jovens no ensino fundamental, foi perguntado o que eles gostariam de aprender. O grupo de jovens disse que gostaria de aprender por meio das leituras, informações sobre a adolescência, sexo, namoro, seu próprio corpo; eles explicaram que necessitam de mais livros sobre esses temas, pois queriam aprender mais sobre “essas coisas da vida”.⁴¹ Embora a literatura dificilmente vá trazer as respostas práticas demandadas, ela pode indicar os caminhos para a discussão dos vários envolvimento emocionais que subjazem à descoberta do corpo.

A presença de variados gêneros, e bastantes gêneros de massa, pode ser capaz de suprir essa necessidade do aprendiz, pois, mesmo que seja por influência de um modismo mais do que de uma reflexão aprofundada sobre os processos do letramento, ele pode encontrar o que procura nesses textos disponibilizados nos livros didáticos.

⁴⁰ OTA, I A da S., *O livro didático de língua portuguesa no Brasil*, Educar, Curitiba, n. 35, p. 218, 2009. Editora UFPR

⁴¹ LEAL, Telma F., ALBUQUERQUE, Eliana B. C., *Literatura e formação de leitores na escola, Literatura: ensino fundamental* / Coordenação, Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 90. : il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20)

Conclusão

O livro didático é um dos mais importantes dispositivos pedagógicos na formação de leitores. Ele é a base principal de textos literários trabalhados em sala de aula e orientador das práticas de leitura realizadas. Têm-se que o objetivo principal do livro didático de português é ensinar a língua materna.⁴²

A escrita, na escola, é considerada autônoma por poder ser compreendida por si só. Seu significado é autônomo, o modo como as palavras se articulam é suficiente para que se interprete o que está escrito, no entanto

“O letramento literário pode ser compreendido como o conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária, compreendida como aquela cuja especificidade maior seria seu traço de ficcionalidade. Isso equivale a dizer que, embora o conceito de literatura tenha sido construído no seio da cultura burguesa, particularmente por classes abastadas que, por meio tanto da produção quanto do consumo de certos textos, produziram um certo gosto e sensibilidade relativos aos textos, não são apenas os textos que pertencem a essa tradição – ocidental, eurocêntrica, masculina branca – que podem figurar como suportes para literário.”⁴³

E apesar da prática de leitura exercer um papel funcional na sociedade, as práticas leitoras de textos literários também “(...) podem estar ligados a outros objetivos como o do prazer, o conhecimento, a aquisição de um status de leitor diante de um grupo, já que a leitura constitui, para algumas classes sociais um critério de distinção cultural, evasão etc.”⁴⁴

Professor e alunos trabalham com a escrita literária apenas aceitando os sentidos já construídos, criados ou propostos para os textos literários, sem compreender as razões porque eles são pertinentes, apenas adotando o proposto no próprio livro didático.

Em sala de aula, o professor precisará ultrapassar as propostas do livro didático, pois, “(...) para que o modelo autônomo alcance, no mínimo, uma coerência, seria preciso explicitar

⁴² PINHEIRO, Marta P., *Letramento literário na escola: um estudo de práticas de leitura literária na formação da “comunidade de leitores”*, Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, p.15, 2006.

⁴³ ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. *Modelos de Letramento Literário e ensino da literatura: Problemas e perspectivas*, Rev. Teoria e Prática da Educação, v.11, n.1, p.53, jan./abr. 2008.

⁴⁴ ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. *Modelos de Letramento Literário e ensino da literatura: Problemas e perspectivas*, Rev. Teoria e Prática da Educação, v.11, n.1, p.53, jan./abr. 2008.

para o aluno o tipo de leitura pretendida e oferecer a ele condições para que se apropriasse dos modelos, convenções e códigos fundamentais para a compreensão da escrita literária.”

Os textos oferecidos podem servir de base para discussões sobre *o mundo além da sala de aula* e também para além de exercícios que remetem à gramática, o que acontece com frequência. Muitas barreiras são ultrapassadas no próprio livro didático, e

“ (...) é importante que a literatura chamada erudita deixe de ser privilégio de pequenos grupos, da mesma forma que é importante que a literatura chamada popular, folclórica, seja também conhecida e valorizada por esses grupos, que costumam discriminá-la.”⁴⁵

A presença tanto de autores canônicos quanto de autores populares traz essa possibilidade ao aluno, de ao mesmo tempo trabalhar com o erudito, e com o coloquial, mais frequente em sua realidade, mostrando a importância de se ler ambas as literaturas.

Em suma, a literatura encontrada nos livros didáticos é variada e tem capacidade de proporcionar ao aluno experiências que extrapolam o meio escolar, contanto que o professor compreenda as complexidades envolvidas nesse ato de leitura como: a realidade do aluno; o livro didático em si e suas propostas; a realidade da própria escola; a história da literatura em nosso país e a história da educação. Não existe um modo natural de ler literatura e essa habilidade precisa ser desenvolvida na escola, com auxílio do professor, utilizando o livro didático e extraindo deste o que há de melhor.

⁴⁵ PINHEIRO, Marta P., *Letramento literário na escola: um estudo de práticas de leitura literária na formação da “comunidade de leitores”*, Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, p.19, 2006.

VI. Bibliografia

VI. 1. Corpus

BORGATTO, Ana Maria Trinconi, *Projeto Teláris: Português: ensino fundamental 2/* Ana Maria Trinconi Borgatto, Terezinha Costa Hashimoto Bertin, Vera Lúcia de Carvalho Marchezi, 2ed., São Paulo, Ática, 2015

FIGUEIREDO, Laura de, *Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem/* Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar, Shirley Goulart, 2 ed., São Paulo, Moderna, 2015

Projeto Político Pedagógico do Centro de Ensino Fundamental 11 de Taguatinga, p.61 disponível em < www.se.df.gov.br/uploads/2018/07/pppcef11cretaguatinga > acesso em setembro de 2019.

Projeto Político Pedagógico do Centro de Ensino Fundamental 405 Sul, p.213, disponível em < http://www.se.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/07/pp_cef_405_sul_plano_piloto-1.pdf > acesso em setembro de 2019.

VI.2. Obras teóricas e críticas

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 52ª ed. 2018, São Paulo, Editora Pensamento-Cultrix, 1970

BAIRRO, Catiane Colaço, Livro Didático: *Um olhar nas entrelinhas da sua História*, UNICENTRO, Pedagogia, 2017, p.1 disponível em < <https://wp.ufpel.edu.br/leh/files/2017/12/BAIRRO.pdf> > acesso em outubro de 2019

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura Brasileira: resumo para principiantes*. 3 ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1999, 98p.

FÁVERO, Leonor Lopes, *História da disciplina Português na escola Brasileira*, Revista Diadorim, v. 6, 2009 p. 13-36. Disponível em <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3886/15776>> acesso em outubro de 2019.

FERNANDES, Antonia Terra de Calazans, *Livros didáticos em dimensões materiais e simbólicas*, Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p. 531-545, set./dez. 2004

FREITAS, Neli K., RODRIGUES, Melissa H., *O livro didático ao longo do tempo: A forma do conteúdo*, DA Pesquisa, Florianópolis, v.3 n.5, p.300-307, 2008.

LEAL, Telma F., ALBUQUERQUE, Eliana B. C., *Literatura e formação de leitores na escola*, Literatura : ensino fundamental / Coordenação, Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson . – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p.89-106. : il. (Coleção Explorando o Ensino ; v. 20)

MOTA GARCIA ROSA, F. G.; ODDONE, N., *Políticas Públicas para o livro, leitura e biblioteca*, Ci. Inf., Brasília, v. 35, n. 3, p. 183-193, set./dez. 2006

OTA, I A da S., *O livro didático de língua portuguesa no Brasil*, Educar, Curitiba, n. 35, p. 211-221, 2009. Editora UFPR

PINHEIRO, Marta P., *Letramento literário na escola: um estudo de práticas de leitura literária na formação da “comunidade de leitores”*, Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, p.306, 2006.

Ranking IDH Global disponível em

<<https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idh-global.htm>> acesso em outubro de 2019

Semana de Letras (11. : 2011 : Porto Alegre, RS), *O cotidiano das letras : anais* [recurso eletrônico] / 11. org. Jocelyne Bocchese ... [et al.], FALE/PUCRS ; coord. Vera Teixeira Aguiar. – Dados eletrônicos – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2011. COSSON, Rildo, Conferência de abertura, *Literatura: Modos de ler na escola*. p. 7. Disponível em <<http://editora.pucrs.br/anais/XISemanaDeLetras/pdf/rildocossan.pdf>> acesso em novembro de 2019

SILVA, M. C. da; MARTINS, M. R.. *Experiências de leitura no contexto escolar*, Literatura: ensino fundamental / Coordenação, Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 204 p. : il. (Coleção Explorando o Ensino ; v. 20)

VIEIRA, Adriana S., FERNANDES, Célia Regina D., *O acervo das bibliotecas escolares e suas possibilidades*, Literatura : ensino fundamental / Coordenação, Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson . – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p.107-126. : il. (Coleção Explorando o Ensino ; v. 20)

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Modelos de Letramento Literário e ensino da literatura: Problemas e perspectivas, Rev. Teoria e Prática da Educação, v.11, n.1, p.49-60, jan./abr. 2008.

LIVRO	FIGUEIREDO, Laura de, Singular e Plural: leitura, produção e estudos de linguagem/ Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar, Shirley Goulart, 2 ed., São Paulo, Moderna, 2015		
PÁGINA	PROPOSTA DO LIVRO	TEXTO	Gênero e posição no cânone literário
33	Roda de leitura: causos	-CÂMARA, Ricardo Pieretti. <i>Causo dos peixes-elétricos que acendem as luzes de casa</i> . Os causos: Uma poética pantaneira. Tese de Doutorado; Universidade Autônoma de Barcelona. 2007. Disponível em: < http://ddd.uab.cat/pub/tesis/2007/tdx-1008107-152044/rpdel.txt > p.210. Acesso em 14 maio de 2015.	Causo - Literatura popular
34-35	Roda de leitura: causos	BOLDRIN, Rolando, O roubo do relógio. Disponível em < http://www.rolandoboldrin.com.br/causos_aberto.asp?id=38&id_cat=1 >. Acesso em 24 de mar. 2015.	Causo - Literatura popular
49-50	Atividade 1: a crônica, o jornal, o cotidiano... (Crônica 1)	SCLIAR, Moacyr, A volta do filho pródigo. Disponível em < http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0404200505.htm > Acesso em 25 de maio de 2015.	Crônica - Literatura de massa
51-52	Atividade 1: a crônica, o jornal, o cotidiano... (Crônica 2)	CARVALHO, Lúcia, A máquina. Disponível em: < http://www.releituras.com/luciacarvalho_amaquina.asp > Acesso em: 25 de maio 2015.	Crônica - Literatura de massa
54-55	Atividade 2: quem fala na crônica? E como fala?	BRAGA, Rubem, A outra noite, 200 crônicas escolhidas. Rio de Janeiro: Record, 1978	Crônica - Literatura de massa
57	Roda de leitura: cordel e outras linguagens	BORGES, J. Transcrição do poema disponível em: < http://jborgesbrasil.blogspot.com/2008/09/vida-secreta-da-mulher-feia.html > Acesso em: 28 abr. 2015	Cordel - Literatura popular
59	Cordel e repente	AMARAL, Firmino Teixeira do. Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho. Un: ABREU, Márcia (Org.). Antologia de folhetos de cordel: amor, história e luta. São Paulo: Moderna, 2005, p.41	Cordel - Literatura popular
71	Produção Crônica - Conhecendo mais o gênero crônica - Atividade 1 - As crônicas no modo dramático - quando o narrador saíe fica a cena...	RUBENS PAIVA, Marcelo. Crônicas para ler na escola. ZILBERMAN, R. (Seleção). Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. p.61-62	Crônica - Literatura de massa
72-74	Produção Crônica - Conhecendo mais o gênero crônica - Atividade 1 - As crônicas no modo dramático - quando o narrador saíe fica a cena...	VERISSIMO, Luis Fernando, Grampos. Disponível em < http://pt.scribd.com/doc/157763645/7037504-Luis-Fernando-Verissimo-Cronicas-Estadao-pdf#scribd > Acesso em: 30 mar 2015gR	Crônica - Literatura de massa
75-76	Atividade 2 - as crônicas reflexivas - quando a história fica em segundo plano para dar lugar às impressões do narrador	VERISSIMO, Luis Fernando. <i>Tecnologia, Pai não entende nada</i> . Porto Alegre: L&PM, 1990. p.58-60.	Crônica - Literatura de massa
82-83	Roda de leitura: literatura	ASSARÉ, Patativa do. Nordestino, sim, Nordestinando, não. Ispinho e fulô. São Paulo: Hedra, 2005. p.38-41.	Cordel - Literatura popular
93-95	Produção: esquete - Conhecendo o gênero: esquete - Atividade 1 : o roteiro de esquete	PRETA, Stanislaw Ponte. <i>Do teatro de Mirinho (A burocracia do buraco). Dois amigos e um chato</i> . 12 ed. São Paulo: Moderna, 1991. p.32-34.	Esquete - Literatura de massa
102	Roda de leitura: poema	LEMINSKI, Paulo. Toda poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 145	Poema - Cânone Literário
102	Roda de leitura: poema	BARBOSA, Frederico. Na lata: poesia reunida 1978-2013. São Paulo: Iluminuras, 2013. p.316	Poema - Literatura popular
117	Roda de leitura: poema visual	ANTUNES, Arnaldo. disponível em: < ">http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_artes_obras.php?id_type=4#> . Acesso em: 17 abr. 2015	Poema - Cânone Literário
117	Roda de leitura: poema visual	LEMINSKI, Paulo. Toda poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 154	Poema - Literatura de massa
125, 127, 131-135, 136-139	Jogo 1: Um escândalo na Boêmia - Ler o início do conto depois conversar com a turma e o professor	DOYLE, Conan. As aventuras de Sherlock Holmes. Tradução de Hamílcar de Garcia. Rio de Janeiro: Circulo do Livro, 1984. (Fragmento). Disponível em: < http://mundosherlock.wordpress.com/canon_e/arthur-conan-doyle-as-aventuras-de-sherlock-holmes-1892/um-escandalo-na-boemia/ > . Acesso em: 6 fev. 2015.	Conto - Cânone Literário - Texto traduzido por Hamílcar Garcia
141, 142-144, 144-147	Jogo 2 - A carta furtada	POE, Edgar Allan. In: COSTA, Flávio Moreira da (Org.). Os cem melhores contos de crime e mistério da literatura universal. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002, p. 322-334 (Fragmento).	Conto - Cânone Literário - Texto traduzido
149	Observar o trecho e descrever	POE, Edgar Allan, A queda da casa de Usher. Disponível em: < http://virtualbooks.terra.com.br/freebook/traduzidos/download/A_Queda_da_Casa_de_Usher.pdf > Acesso em: 14 fev 2012 (Fragmento)	Conto - Cânone Literário - Texto traduzido
150-151	Do maravilhoso ao fantástico - Quem conta um conto...	MONTERROSO, Augusto. In: FREIRE, Marcelino (Org.). Os cem menores contos de século. São Paulo: Ateliê, 2004	Conto - Literatura de massa - Texto traduzido
152-154, 154-156, 156-159, 159-160	Leitura	DICKENS, Charles. In: DOBRÁNSZKY, Enid Abreu (Prefácio, seleção e tradução). Clássicos do sobrenatural. São Paulo: Iluminuras, 2004, p. 139-150. (Fragmento)	Conto - Cânone Literário - Texto traduzido
162, 163-168	Leitura	TELLES, Lygia Fagundes. As formigas. In: COSTA, Flávio Moreira da (Org.). Os cem melhores contos de crime e mistério da literatura universal. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 232-236. (Fragmento)	Conto - Cânone Literário
179	Ler a crônica com os colegas	CAMPOS, Paulo Mendes. Para gostar de ler. São Paulo: Ática, 1983, p.35, v. 2	Crônica - Literatura de massa
181	O que entra em jogo na escolha de uma entre tantas palavras sinônimas	ALVES, Rubem, Você e o seu retrato. Navegando. São Paulo: Papirus, 2000, p. 39-40. (Fragmento)	Crônica - Literatura de massa
183	Palavras e sinônimos	QUINTANA, Mario, Compensação, Poesia Completa: em um volume. In: CARVALHAL, T. F. (Org.) Mario Quintana: poesia completa . Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005, p. 330.	Poema - Cânone Literário
185	Antonímia	PAES José Paulo. Canção do exílio facilitada, Meia palavra: Cívicas, eróticas e metafísicas. São Paulo: Cultrix, 1973.	Poema - Literatura popular
194	Gradação	QUINTANA, Mario, A transposição. Poesia Completa: em um volume. CARVALHAL, T.F. (Org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005, p.284.	Poema - Cânone Literário
196	Repetição	ANDRADE, Carlos Drummond de. Amar. In: Poesia Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p.263, (Fragmento). Carlos Drummond de Andrade	Poema - Cânone Literário

197	Eufemismo	QUINTANA, Mario. Um epitáfio para Catulo da Paixão Cearense, Poesia completa em um volume. CARVALHAL, T. F. (Org.) Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. p. 259	Poema - Cânone Literário
199-200	Antítese	MENDES, Murilo. Mapa. In: Os cem melhores poemas brasileiros do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p.67. (Fragmento)	Poema - Literatura de massa
201	Atividades	SCLIAR, Moacyr. A mulher que escreveu a bíblia. São Paulo: Companhia das letras, 2006. p.19. (Fragmento)	Narrativa - Literatura de massa
209-210	Períodos com conjunção	ESOPO, A velha e o médico. In: Fábulas de Esopo. Tradução de Guilherme Figueiredo. São Paulo: Ediuoro, 2005, p.26	Fábula - Cânone Literário - Texto traduzido
220-221	Orações coordenadas sindéticas conclusivas	BOCAGE, In: Belo, Renato (Org.). O canário e o pardal, Volta ao mundo em 15 fábulas. Belo Horizonte: Leitura, 2003, p.17 (Fragmento adaptado)	Fábula - Cânone Literário
222	Atividades	DESHIMARU, Taisen(Org.). Debaixo da ponte não há ladrões. A tigela e o bastão: 120 contos zen narrados pelo mestre Taisen Deshimaru. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Pensamento, 1998.p.28	Conto - Literatura de massa - Texto traduzido
222	Atividades	DESHIMARU, Taisen(Org.). O pássaro de duas cabeças. A tigela e o bastão: 120 contos zen narrados pelo mestre Taisen Deshimaru. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Pensamento, 1998.p.32	Conto - Literatura de massa - Texto traduzido
223	Atividades	Tesouro da juventude, O gato e a raposa, São Paulo: W. M. Jackson, 1958. v. XVIII.p.64.	Conto - Cânone Literário - Texto traduzido
224	Atividades	LAMB, Charles e Mary. In: COSTA, Flávio Moreira da (Org.) A megera domada. Os cem melhores contos de humor da literatura universal. Rio de Janeiro. Ediuoro, 2001. p.120 (Fragmento)	Novela - Cânone literário (Adaptado) - Texto traduzido
237	Atividades	SANTOS, Enéias Tavares. A vingança de uma fada e um anão misterioso. São Paulo: Luzero, 1995. (Fragmento)	Cordel - Literatura popular
LIVRO	BORGATTO, Ana Maria Trinconi. Projeto Teláris: português: ensino fundamental 2/ Ana Maria Trinconi Borgatto, Terezinha Costa Hashimoto Bertin, Vera Lúcia de Carvalho Marchez		
PÁGINA	PROPOSTA DO LIVRO	TEXTO	Gênero e posição no cânone literário
12	Comparação à música	CAMÕES, Luis de. In: TORRALVO, Izeti F.; MINCHILLO, Carlos C. (Prefácio e notas). Sonetos de Camões. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011	Poema - Cânone Literário
23-24	Estudos da literatura mítica	BULFINCH, Thomas, Perseu e Medusa. O livro de ouro da Mitologia: histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediuoro, 1999. p.142-145	Narrativa - Cânone Literário (Adaptado) - Texto traduzido
39-41	Trabalhar elementos de Coesão	Adaptado de: HOMERO, Odisseia. Recontada por Roberto Lacerda. 7ed. São Paulo: Scipione, 2003. p.52-53	Epopeia - Cânone Literário (Adaptado) - Texto traduzido
42	Coerência	FERNANDES, Millôr. Poeminha (bem) moderato, Poemas. Porto Alegre: L&PM, 2002. p.33.	Poema - Literatura de massa
43	Coerência	FREIRE, Wilson. Bala Perdida. In: FREIRE, Marcelino (Org.). Os cem menores contos brasileiros do século. Cotia, SP: Ateliê Editorial. 2004. p.211.	Conto - Literatura Popular
49-50	Mítica	Adaptado de: SISTO, Celso. Como as histórias vieram parar na Terra, Mãe Africa. São Paulo: Paulus, 2007, p.19-25.	Narrativa - Literatura de massa
53-54	Crônica	VERÍSSIMO, Luís Fernando. Emergência. Mais comédias para ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p.75-77.	Crônica - Literatura de massa
59	Crônica	VERÍSSIMO, Luís Fernando. A metamorfose. Mais comédias para ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p.123.	Crônica - Literatura de massa
59	Crônica	VERÍSSIMO, Luís Fernando. Os 64 caminhos. Mais comédias para ler na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p.91.	Crônica - Literatura de massa
62	Sequência textual	ANDRADE, Carlos Drummond de. Cidadezinha Qualquer. Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1973. p.67.	Poema - Cânone Literário
63	Sequência textual	PAES, José Paulo. Altos e baixos. Sócráticas. São Paulo: Companhia das letras, 2001. p. 64.	Poema - Literatura de massa
72	Coesão por meio de pronomes	SILVA, Flávia Lins. Entre fera. Diário de Pilar na Amazônia. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 73-76.	Narrativa - Literatura de massa
87	Crônica	PRETA, Stanislaw P., Prova falsa, Para gostar de ler. Histórias divertidas. São Paulo: Ática, 2003. p. 63-64.	Crônica - Literatura de massa
107	Reflexão sobre consumismo	PAES, José Paulo. Ao Shopping center. Melhores poemas. São Paulo: Global, 2000. p.197	Poema - Literatura de massa
118	Predicado nas sequências textuais	AZEVEDO, Aluísio de, Aos vinte anos. In: ANDRADE, Mário de. et al. Contos brasileiros 3. São Paulo: Ática, 1999. p.54-59. (Col.para gostar de ler, vol. 10)	Conto - Cânone Literário
146	Predicado e complementos verbais	ANDRADE, Telma G. C., Ele é carioca. Agenda poética. São Paulo: Scipione, 2001, p.39.	Poema - Literatura de massa
210	Textos publicitários	MELLO, Thiago de. Os estatutos do homem. Edição bilingue com tradução de Pablo Neruda. Cotia: Vergara & Riba, 2004.	Poema - Cânone Literário
233-236	Texto teatral	PENA, Martins. A família e a festa na roça. In: DAMASCENO, Darcy (edição crítica). Comédias de Martins Pena. Rio de Janeiro: Ediuoro, [s.d.]. p. 53-58.	Peça teatral - Cânone Literário
255-256	Texto teatral	SUASSUNA, Ariano. Auto da Compadecida. Rio de Janeiro: Agir, 1967. p. 56-59.	Peça teatral - Cânone Literário
267	Intertextualidade	PESSOA, Fernando. Mar Português. In: TUTIKIAN, Jane (Org.). Mensagem Porto Alegre : L&PM, 2006.	Poema - Cânone Literário
271	Intertextualidade no processo de criação	ANDRADE, Carlos Drummond de. No meio do caminho. Alguma poesia. Rio de Janeiro: Record, 2001. p.45	Poema - Cânone Literário
271	Intertextualidade no processo de criação	NESTROVSKI, Arthur Rosenblat. Coisas que eu queria ser. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.	Poema - Literatura Popular
275	ritmo e rima	ACCIOLY, Marcus. A vila, Cancioneiro. Recife: Polys, 2009. p. 50.	Poema - Cânone Literário
278	metáfora	LUCAS,Fábio (Sel.)O tempo é um fio. Melhores poemas de Henriqueta Lisboa. São Paulo: Global, 2001	Poema - Cânone Literário
280	Antítese	CAMÕES, Luis de. Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades. Disponível em: <https://poemasdomundo.wordpress.com>. Acesso em: 8 abr. 2015	Poema - Cânone Literário
289	Língua: usos e reflexão	QUINTANA, Mário. Os poemas, Esconderijos do tempo. São Paulo: Globo, 2005. p. 27	Poema - Cânone Literário
292-293	Adequação de linguagem	ÂNGELO, Ivan. Diálogo difícil, Um homem do interior esbarra no jargão de uma secretária, Veja São Paulo. São Paulo: Abril, 16 maio 2001.	Narrativa - Literatura Popular
300	Pontuação	GULLAR, Ferreira, Na multidão, O menino e o arco-íris. São Paulo: Ática, 2001	Crônica - Cânone Literário
315	Uso do hífen e a formação de palavras	ÂNGELO, Ivan.Menina.Para gostar de ler. São Paulo: Ática, 1997. vol.10.	Crônica - Literatura Popular
315	Uso do hífen e a formação de palavras	ANDRADE, Carlos Drummond de. Brasileiro cem-milhões. ____De notícias & não notícias faz-se a crônica. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.	Crônica - Cânone Literário
325	Projeto: "Marcas do tempo"	ANDRADE, Carlos Drummond de.O novo homem, Poesia completa e prosa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1973. p.534-535	Poema - Cânone Literário